



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)

BACHARELADO EM HUMANIDADES

MARCEANO SAÚDE N'DAFÁ

O DESAFIO DA INTEGRAÇÃO INTERCULTURAL ENTRE

ESTUDANTES GUINEENSES E BRASILEIROS NA

UNILAB

Redenção-CE

Agosto- 2017

MARCEANO SAÚDE N'DAFÁ

O DESAFIO DA INTEGRAÇÃO INTERCULTURAL ENTRE
ESTUDANTES GUINEENSES E BRASILEIROS NA UNILAB

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira sob a orientação do professor Dr. Bas'ilele Malomalo.

Aprovado em ____/__/__.

BANCA

EXAMINADORA

Prof. Dr. Bas'ilele Malomalo (Orientador)
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira

Prof. Dr. Ercílio Neves Brandão Langa
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira

Prof. Dr. Ricardo Cesar Carvalho Nascimento
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira

Redenção-CE
Agosto – 2017

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
DELIMITAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA	4
HIPÓTISE.....	7
OBGETIVO GERAL	7
Objetivos Específicos.....	7
JUSTIFICATIVA	8
MARCO TEÓRICA	10
Diáspora e diáspora estudantil.....	10
Interculturalidade.....	13
Integração.....	16
PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	18
CRONOGRAMA.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

INTRODUÇÃO

O presente Projeto de Pesquisa tem como tema, o desafio da integração intercultural entre estudantes guineenses e brasileiros na UNILAB, o motivo da escolha deste tema foi a minha convivência como estudante da UNILAB, a qual faço parte dessa integração, e então, todas as experiências cotidianas contribuíram para a seleção e discussão do mesmo. Outrossim, é um trabalho que se correlaciona com os trabalhos de outros pesquisadores, mais precisamente de ciências sociais e humanas, que tratam do processo de integração, situa-se no campo dos estudos de interculturalidade e de migração. Tem por objetivo geral, compreender as formas de integração dos estudantes africanos na diáspora cearense, em especial compreender os desafios da integração intercultural dos estudantes guineenses e brasileiros na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

A seleção dessa temática foi devido a concepção genérica do termo integração, pois, é verificado que o nome institucional é Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, todavia, seria importante questionar se de fato acontece a integração de igual modo como se fala na teoria. Então, seria imprescindível que isso fosse visto e analisado de forma mais efetiva, observar o cotidiano dos brasileiros e Bissau-guineenses, é de suma importância, pois, são os dois grupos majoritários de estudantes, em primeiro, tem-se os brasileiros, e em segundo, os Bissau-guineenses.

Outro fato recorrente e observável é a segregação em salas de aulas, todos esses aspectos impulsionaram a iniciar uma análise que pudesse compreender em âmbito micro como está acontecendo/ se dando essa integração, e quais os fatores que dificultam essa interação de forma positiva.

DELIMITAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA

Neste trabalho pretende-se compreender os desafios da integração intercultural dos estudantes africanos, em especial os estudantes guineenses com os brasileiros no âmbito sócio-acadêmico da UNILAB e cotidianamente nos municípios de Redenção e Acarape.

É imprescindível a presença e aumento dos estudantes internacionais situados em dois municípios do Maciço de Baturité, no interior do estado do Ceará. É de suma importância ressaltar que dos acadêmicos internacionais que compõem esta instituição em sua maioria são guineenses.

Segundo a Diretora de Registro e Controle Acadêmico – DRCA (dados de abril/ 2016 disponíveis no site da UNILAB), estima-se que o número de estudantes guineenses é de 473. Os estudantes guineenses enfrentam em seu dia a dia diversos problemas, sejam eles de ordem geográfica, cultural ou econômica.

Com base nas análises e percepções individuais e coletivas dos sujeitos pesquisados que se procura refletir sobre as problematizações acima. De acordo com as experiências, observações, e as conversas informais, alguns estudantes comentaram que após sua chegada depararam-se com as dificuldades de adaptação, por exemplo, o clima semiárido típico do Nordeste (calor excessivo devido a temperatura alta, poucas chuvas, ventos secos e pouca umidade no ar).

Em virtude do que foi mencionado no parágrafo anterior a respeito da questão geográfica e clima, faz-nos também lembrar de outro fator, quiçá, o primeiro e mais importante, pois, é através do diálogo que temos uma interação, e até para o processo seletivo, é preciso saber o português, isso, os países africanos.

O idioma seria convergente de acordo com a colonização sofrida por países africanos e o Brasil, porém, há uma grande dificuldade de ambos os povos. Em relação aos estudantes guineenses muitos comentam que sentiam dificuldade em compreender seus professores devido a utilização do regionalismo cearense nas aulas, o que acarretaria na discordância do mediador e do acadêmico.

Em todo relacionamento interpessoal, é necessário a interação, e quando se trata de estudantes de vários países, sabemos que a língua tem dois vieses que podem servir para uma aproximação ou afastamento. A UNILAB é composta por uma gama de brasileiros, no entanto, também de países africanos e estudantes timorenses. O que se percebe é que essas interações que se dão no cotidiano, isto é, em locais públicos frequentados pela maioria, como posto de saúde, supermercado, praça, dentre outros, que em incontáveis vezes nota-se que devido as variações linguísticas, demoram a chegar no consenso, o emissor e o receptor precisam driblar alguns desses aspectos para que essa aproximação e entendimento sejam efetivos.

A língua portuguesa dependendo de cada país ou região sofre suas variações e com isso, tem suas particularidades, e implica na dificuldade de compreensão que acontece de ambos os lados, pois, para os cearenses redencionistas e acarapenses é difícil captar e interpretar a mensagem recebida verbalmente, devido a forma de falar dos estudantes internacionais, justificam que a forma de falar e o sotaque não facilitam. É necessário que para viabilizar uma

boa comunicação haja também esforço para compreender as diferenças alheias, usar da empatia para uma interação eficaz e positiva. Não obstante, tem-se como aliado o tempo para diminuir essas dificuldades linguísticas.

Outro problema enfrentado por estes estudantes por exemplo, dentro da sala de aula principalmente quando um (a) professor (a) pedia que fossem formados grupos para atividades e trabalhos, notadamente, a sala dividia-se, havia grupos de estudantes brasileiros de um lado da sala, e do outro, os estudantes internacionais, ou seja, uma segregação. Daí que se questiona se é devido a diferença cultural, que está dificultando a interação, ou alguns infelizmente acreditam que as formas de proceder de uma determinada cultura são incorretas, sendo difícil a aceitação do outro, permanecendo um contato superficialmente.

Os problemas sociais são vivenciados cotidianamente no Maciço de Baturité por estudantes africanos, pois culturalmente em seus países de origem não sofriam as discriminações que aqui sofrem. De igual modo, Ercílio Neves Brandão Langa (2015, p. 95), afirma que,

Chegados à Fortaleza, os estudantes africanos enfrentam diversos cotidianos, particularmente, dificuldades econômicas de sobrevivência, considerando o elevado custo de vida nesta metrópole, em relação às suas possibilidades financeiras. Parte significativa do contingente de estudantes afirma sentir-se discriminada no cotidiano, por conta da cor da pele e da própria origem africana, em graus e formas distintas das discriminações encontradas nos países de origem.

Conforme as conversas informais com estudantes, obtive informações de discriminações e insultos sofridos por eles, a exemplo disso um estudante guineense comentou que ao usar uma roupa típica de muçulmanos da Guiné-Bissau, um casal de estudantes brasileiros o rotularam de membro extremista do estado islâmico.

Ainda sobre as dificuldades, há a questão financeira, de início é essencial a moradia para que mantenham-se no Maciço de Baturité, a fim de ficarem próximos dos campus da universidade, no entanto, os alugueis dos imóveis são abusivos, o alto custo vai contrário a precariedade das estruturas de alguns imóveis, pois, os donos somente cobram, mas não melhoram o ambiente, os produtos de primeira necessidade também fazem parte desse alto custo, é sabido que os auxílios são oferecidos pela universidade, mas ainda não é suficiente para suprir as necessidades e demandas exigidas pelo mercado.

Sendo assim, Bas'Ille Malomalo e Osmaria Rosa Souza (2016, p. 276) afirmam que não há uma política voltada para o desenvolvimento da região do Maciço de Baturité idealizada

pelas autoridades governamentais de esferas nacionais e estaduais do Ceará para com os municípios de Redenção e Acarape em que se encontram instalados os campi universitários, assegurando assim, os direitos sociais, econômicos e culturais dos estudantes e dos moradores que vivem no entorno.

Para Orletti e Nascimento (apud Souza e Malomalo, 2016 p. 276) as políticas de expansão universitária no interior do país denominam de situações de precarização de acordo com esses estudiosos.

Em virtude dos fatos mencionados, me incitaram a procurar, compreender os desafios da integração intercultural vivenciados cotidianamente por esses estudantes de Acarape e Redenção.

As perguntas centrais deste trabalho são essas: Em que momentos pode haver o diálogo intercultural entre os estudantes guineenses e brasileiros? Quais são as dificuldades da integração dos estudantes internacionais em especial os (guineenses) com os brasileiros na UNILAB, no ambiente acadêmico, nas relações afetivas, e na vizinhança?

HIPÓTESE

A nossa hipótese é que o problema da não integração tem a ver com a homogeneização, preconceito, racismo, discriminação que os estudantes brasileiros, muitas das vezes têm manifestado para com os estudantes de outras nacionalidades. Para superar esse problema é preciso desenvolver um trabalho dentro da comunidade acadêmica da UNILAB, assim como no Maciço de Baturité, tentando transformar a integração numa política pública, com ações de integração no sentido de facilitar espaços de diálogo, de escuta de outro para aprender sobre ele e a sua cultura; criando assim uma cultura de parcerias, interações positivas, tolerância, compreensão mútua e solidariedade social e o respeito às diferenças.

OBJETIVO GERAL

Compreender as formas de integração dos estudantes africanos na diáspora cearense.

Objetivos Específicos

1- Analisar as formas e momentos do diálogo intercultural entre estudantes guineenses e brasileiros na UNILAB. 2- Analisar as formas da adaptação dos estudantes guineenses No Maciço De Baturité. 3-Analisar a reconfiguração da (s) identidade (s) dos estudantes guineenses na UNILAB, na sua interação com os brasileiros considerando: (i) as relações afetivas; (ii) em

sala de aula; (iii) na prática esportiva; (iv) nas festas; (v) no restaurante universitário; (vi) na vizinhança.

JUSTIFICATIVA

O presente projeto situa-se no campo dos estudos de interculturalidade e de migração. Tem por objetivo geral, compreender as formas de integração dos estudantes africanos na diáspora cearense, em especial compreender os desafios da integração intercultural dos estudantes guineenses e brasileiros na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Decidimos investigar o tema aqui abordado, porque dentro de várias categorias e aspectos que existem para estudar e aprofundar-se, no entanto, inquietamo-nos com essas interações, pois são formas de mudar as políticas e trabalhar a melhoria na universidade, e é então, que dentro dessa inquietude, vemos os desafios que para nós é pertinente, e é dentro dessa ótica que somos desafiados a fazer um exercício intelectual como acadêmicos que somos e dos acontecimentos que nos cercam. Foi a partir dessa ótica, que decidimos buscar compreender tal tema.

Convivendo há dois anos e alguns meses na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em Redenção e Acarape, os municípios da macrorregião do Maciço de Baturité, no Estado do Ceará, no Brasil, ouvimos falar muito da integração social e cultural da comunidade acadêmica no seu todo e em destaque a integração entre os discentes. Através das nossas observações empíricas no cotidiano da vida acadêmica, fomos confrontados com distintas situações que nos chamaram atenção, dentre várias, citaremos aqui a mais visível, recorrente e instigante, que é interação dos estudantes na sala de aula, o que se verifica é uma divisão escancarada, uma barreira que separa os alunos estrangeiros dos brasileiros, cada nacionalidade se agrupa separadamente. Há uma resistência dos brasileiros em interagir com o não nacional. Podemos perceber para além da sala de aula, como nos corredores da UNILAB, e em seu entorno.

Logo, afirmamos que os fatores já citados serviram como força motriz para pensar e escolher o tema. Este trabalho tem como objetivo geral compreender as formas de integrações dos estudantes na diáspora cearense. O cerne do trabalho consiste em compreender os desafios da integração intercultural entre discentes brasileiros e guineenses na UNILAB.

Faz-se necessário ressaltarmos que a escolha dos nossos sujeitos de pesquisa se deu devido ao número significativos de estudantes dos dois países, Brasil e Guiné-Bissau, por isso então, acadêmicos brasileiros e guineenses.

Um trabalho que se relaciona com o de outros estudiosos das áreas de ciências sociais e humanas, que abordam questões referentes a diáspora estudantil. Sem deixarmos de ter a ambição como acadêmicos de poder dar sempre a nossa contribuição que pudesse ajudar de alguma forma para que haja a integração que todos nós almejamos na UNILAB. Para tal, as perguntas centrais que irão movimentar todo esse processo para chegamos ao objetivo desse trabalho são essas: em que momentos pode haver o diálogo intercultural entre os estudantes guineenses e brasileiros? Quais são as dificuldades da integração dos estudantes africanos (guineenses) com os brasileiros na UNILAB, no ambiente acadêmico, nas suas relações afetivas, e na vizinhança? O que é então este conceito de integração, no caso específico aqui, a integração internacional do Brasil com a África, em especial com os países que falam português no continente africano e com Timor Leste?

Acreditamos que este trabalho por tratar da importância da integração intercultural como fator produtor e dinamizador das interações sociais, tanto quanto como elemento formador e confrontador de movimentos e de identidades. Ainda por tratar da integração intercultural na perspectiva do (re) conhecimento de si, tendo em conta que as manifestações e as expressões da cultura são eminentemente comunicativas, a respeito dos sentimentos e dos pensamentos dos indivíduos, além dos coletivos em meio à sua realidade (como a percebem e nela interferem). No caso específico da comunidade de estudantes guineenses na UNILAB e do convívio destes no entorno de Redenção e de Acarape, no Maciço de Baturité, é possível especular o quanto a situação de diáspora, em busca de formação, tem fortalecido os laços entre estes (guineenses): como estratégia de resistência e mesmo de sobrevivência - a ponto de ora promover e mesmo estabelecer a identificação destes entre si em torno da nacionalidade comum (não mais das diferentes etnias).

Acreditamos que este trabalho vai poder contribuir de alguma forma para que se desenvolva a integração intercultural desses universitários, assim como, toda sociedade acadêmica envolvida em redor da UNILAB e, possivelmente contribuirá para o aumento da cooperação cultural e científica entre o Brasil e a Guiné-Bissau, assim como, os demais países que compõem a UNILAB.

MARCO TEÓRICO

A nossa pesquisa tem como problemática o desafio da integração intercultural entre os estudantes guineenses e brasileiros na UNILAB, cujo os objetos de estudo são: interculturalidade, integração e diáspora africana estudantil, mas específico entre os estudantes guineenses e brasileiros no ambiente da UNILAB. Para falarmos dos objetos acima citados, primeiramente, faz-se necessário uma contextualização geográfica da UNILAB, a sua criação e, no segundo momento vamos dialogar com os autores como, Boaventura Sousa Santos (2009), Catherine Walsh (2010), Jorge Macaísta Malheiros (2011), Rui Pena Pires (2012) e Ercílio Neves Brandão Langa (2013). São autores que nos baseamos para compreender melhor o tema do nosso estudo.

Diáspora e diáspora estudantil

Neste subcapítulo, abordaremos o conceito da diáspora segundo o olhar de Stuart Hall e da diáspora africana no Brasil em particular no Ceará de acordo com concepção de Ercílio Neves Brandão Langa entre outros.

Para Stuart Hall (2003), no seu livro *Da Diáspora Identidade e Mediações Culturais*, a noção de diáspora se assenta na dispersão dos caribenhos que vivem no Reino Unido, nos Estados Unidos ou no Canadá. O autor concentra-se mais no deslocamento de voluntários negros caribenhos em navio que chegava no Reino Unido. Esse evento foi um marco, pois foi início da diáspora negra caribenha para a Grã-Bretanha no pós-guerra, e assim a ascensão multirracial. Conforme aponta Hall (2003, p.25, 26), que “em todo caso a questão da diáspora é colocada aqui particularmente por causa da luz que ela é capaz de lançar sobre as complexidades, não simplesmente de se construir, mas de se imaginar a nação [nationhood] e a identidade caribenhas, numa era de globalização crescente”.

Hall se refere a reflexão sobre o ser deslocado, para tal toma como uma das particularidades da diáspora o sentimento que o sujeito sente de não estar em casa, e de retorno às origens.

Já Ercílio Neves Brandão Langa (2010), ao abordar noção de diáspora, inspirou-se nos escritos dos estudos culturais/Pós-Coloniais, e ele vai analisar essa diáspora de uma forma específica que ele chama de seguinte modo

Denomino “diáspora africana” à crescente presença de estudantes africanos oriundos de Angola, Cabo-Verde, Camarões, Guiné-Bissau, Moçambique, Nigéria, República Democrática do Congo, São-Tomé e Príncipe, Senegal, Togo, etc. - no Estado do Ceará. Pertencentes a diversos grupos

etnolinguísticos, tais sujeitos apresentam identidades multiculturais e distinções de várias ordens a marcar as suas vidas em território cearense, no contexto da migração estudantil internacional. Essa diáspora é constituída por jovens entre os 18 e 35 anos de idade, oriundos de regiões a sul do deserto do Sahara e da grande família etnolinguístico bantu, majoritariamente do sexo masculino, predominantemente Bissau-guineenses e cabo-verdianos, mas com um contingente cada vez maior de mulheres, que migram voluntariamente para o Brasil por motivos estudantis. (LANGA, 2010, P.161)

Para Langa (2010), tal conceito foi usada para outros autores na contemporaneidade em menção à dispersão de populações negras e afrodescendentes em volta do mundo, cuja deslocação gera identidades marcadas e encontradas em diversos locais. Entretanto, a aplicação do conceito diáspora se referindo às comunidades negras foi criada por Du Bois (2007) impressionado com acontecimento dessas populações em diferentes territórios no continente americano, que passavam situações comuns de submissão, de pressão e discriminações por conta do seu passado escravizado.

Conforme Ercílio Neves Brandão Langa (2010), o comparecimento de emigrantes africanos no Estado do Ceará começou na segunda metade da década de 1990, em que desembarcou o primeiro grupo de estudantes oriundos de Angola. Naquele momento, vinham africanos provenientes de países de expressão portuguesa, através do Programa de Estudante Convênio- de Graduação (PEC-G), em grupos de cinco a dez estudantes. A partir de 1998, acontece a imigração de estudantes Bissau-guineense, por causa de instabilidade sócio-político-econômica daquele país, que na altura tinha apenas uma instituição de ensino superior. No começo dessa imigração africana, os estudantes vinham apenas para estudar na universidade federal do Estado. Mais tarde se iniciou imigração de estudantes com contratos para estudar em faculdades privadas.

Entre 1998 e 2000, têm início a imigração de estudantes cabo-verdianos, nesse mesmo período, ocorre a chegada dos estudantes são-tomenses, angolanos e moçambicanos em pequeno número. No ano de 2001 houve imigração massiva de estudantes africanos no Ceará e, muitos com contratos com universidades privadas assinados nos países de origem, no qual se destaca a presença de Bissau-guineenses e cabo-verdianos.

Nos anos seguintes, a presença dos africanos se torna mais visível, devido seus problemas com as faculdades privadas, que particularmente, afetam os estudantes vindos da Guiné-Bissau que, devido falta de meios financeiras para pagar as faculdades, os aluguéis e institutos privados. Com essa situação, deu-se a não renovação dos vistos de estadia e, a falta de documentação pela Polícia Federal, que regularmente acontece no ano seguinte depois da

chegada ao Brasil.

Em 2011, A Polícia Federal do Estado registrou cerca de mil e duzentos imigrantes africanos no Ceará, das quais, cento e trinta estudantes africanos estudavam na Universidade Federal, cerca de vinte na Universidade Estadual, e aproximadamente mil nas diferentes faculdades privadas, cuja a maioria são oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) (BRÁS, 2011:4 Apud LANGA, 2010). Em maio de 2011, 39 estudantes se desembarcaram em Fortaleza, oriundos de Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, São-Tomé e Príncipe e Timor Leste, país que se encontra na Ásia. Estes estudantes têm contratos para estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), que se encontra sedeada em Acarape e Redenção, municípios do Maciço de Baturité, do interior do Estado de Ceará.

Essa tamanha imigração de africanos no começo do século XXI para Brasil, foi motivada, pelo discurso governamental do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, de suas viagens a África, fortalecendo novas relações sociais econômicas com o continente africano, especialmente no ensino superior. (LANGA, 2010)

De acordo com, Nilma Lino Gomes e Sofia Lerche Vieira (2013), à criação e implementação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), foi uma das mais novas instituições federais de ensino superior do país, que se localiza em dos pequenos municípios do interior do Ceará (Redenção e Acarape) e uma da Bahia (São Francisco do Conde). Criada pela lei Federal nº 12.289/2010, suas atividades letivas tiveram início em 25 de maio de 2011, dia da África.

Sem contar com a data de 2008, que por meio da Secretaria de Educação Superior (SESU), o Ministério da Educação, instituiu a Comissão de Implementação da UNILAB que, ao longo de dois anos, fez levantamentos e estudos a respeito de tema e problemas comuns ao Brasil e países parceiros nessa integração. A Comissão levantou atividades para o planejamento institucional, preparou a organização da estrutura acadêmica e curricular e a administração de pessoal, patrimônio, orçamento e finança. (Nilma Lino Gomes; Sofia Lerche Vieira, 2013).

Daí, foram realizados vários encontros e debates entre os países parceiros, em que foram privilegiados temas propícios ao intercâmbio de conhecimento na perspectiva da cooperação solidária, além de sua aderência às demandas nacionais, relevância e impacto em políticas de desenvolvimento econômico e social. Nessa ótica que, a Lei nº 12.289 sancionada pelo Presidente da República, em 20 de julho de 2010, instituiu a UNILAB como universidade

pública federal. Após a nomeação do então Reitor Pro Tempore Paulo Speller, os trabalhos da comissão foram encerrados, tendo início nova etapa de intenso trabalho visando a instalação da universidade, o que demandou sinergia técnica, política e financeira entre as três esferas governamentais envolvidas, na configuração das instalações físicas da UNIALB. (Nilma Lino Gomes, 2013). Após a sua instituição como a universidade federal, expressa os elementos básicos de sua missão, com o objetivo de produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países parceiros por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnica, científico e cultural e comprometidos com a necessidade de superação de desigualdades sociais e a preservação de meio ambiente.

Também, cujos objetivos institucionais: ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. (Lei nº 12.289/2010, art. 2º).

No início das suas atividades acadêmicas, a UNILAB tinha como os seguintes cursos: Agronomia, Enfermagem, Administração Pública, Engenharia de Energias e Ciência de Natureza e Matemática e mais tarde foram criados os cursos de Letras e Humanidades. Na concretização da sua proposta, previu-se que no 100% dos seus estudantes seria composta de 50% dos estudantes brasileiros e a outra parte composta dos estudantes internacionais (africanos e asiáticos).

Interculturalidade

Nós entendemos o conceito da interculturalidade, como possibilidade de diálogo entre culturas, assim como, mecanismo de promoção de interação positiva, entre os vários grupos culturalmente distintos que constituem a sociedade. Também como a arma de combate de dominação, racismo e instrumentalização dos cidadãos à união e desenvolvimento de um país, ou instituição. (WALSH, 2010; MALHEIROS, 2011).

Nunca se tem ouvido falar tanto da interculturalidade como hoje. Tanto no seio acadêmico como nos discursos políticos o tema vem ganhando uma repercussão na nossa sociedade. Por se tornar um “tema da moda”, desde os anos 90 existe na América Latina, o contato dos povos indígenas e afrodescendentes, assim como a sociedade branca-mestiça

crioula, a evidência disso se encontra na própria mestiçagem, nos sincretismos e nas transculturações que faz parte central da história e ‘natureza’ latino-americana-caribenha. O termo passou a adquirir conceitos ambíguos e múltiplos. Com isso em mente Catherine Walsh (2010), através do seu texto, Interculturalidade crítica e educação intercultural falou da compreensão, trajetória do uso da interculturalidade na educação e finalmente discutiu o termo como projeto político-social-epistêmico-ético e como pedagogia descolonial. A autora começou sua obra definindo o termo interculturalidade como reconhecimento jurídico da necessidade de promover relações positivas entre diferentes culturas e como arma ao combate de dominação, racismo e instrumento poderoso para conscientização dos cidadãos à união e desenvolvimento de um país.

Ela vai explicar a partir de três perspectivas diferentes o uso e o atual sentido da interculturalidade e, essas perspectivas são a interculturalidade relacional, funcional e crítica. Ela vai definir a primeira perspectiva.

Interculturalidade relacional, que faz referência da forma mais básica e geral ao contato e intercâmbio entre culturas, isto é, entre pessoas, práticas, saberes, valores e tradições culturais distintas, as quais poderiam dar-se em condições de igualdade ou desigualdade. (WALSH, 2010)

Podemos relacionar esse conceito com o contexto da UNILAB, tendo em conta o relacionamento entre os seus estudantes em especial os estudantes guineenses e brasileiros, no âmbito acadêmico, que é um ambiente de intercâmbio de diversas culturas, onde deveria existir uma maior interação, e troca de saberes, experiências entre os estudantes, mas que na sua realidade cotidiana não se verifica. O que se verifica por exemplo, dentro da sala de aula principalmente quando um (a) professor (a) pedia que fossem formados grupos de trabalhos, sempre houve grupos de estudantes brasileiros de um lado nos seus cantos, e do outro os estudantes internacionais, ou seja, uma segregação. Daí que se questiona se é devido a diferença cultural, que está dificultando a interação, ou alguns infelizmente acreditam que as formas de proceder de uma determinada cultura são incorretas, sendo difícil a aceitação do outro, permanecendo superficialmente.

Isto posto, Boaventura Sousa Santos, vai oferecer as condições teóricas a realização do diálogo intercultural, que ele chama de “hermenêutica diatópica”, que se baseia nos *topoi* (lugares) comuns retóricos mais abrangentes de uma dada cultura, ainda que sejam fortes acabam por serem insuficientes, por serem incompletas quanto a cultura particular a que pertence servindo como princípio de argumentação. Essa incompletude não é fácil de descobrir no interior dessa cultura. Desse ponto, que o objetivo da “hermenêutica diatópica”, vai aumentar

no máximo a consciência de incompletude recíproca, através do diálogo que se decorre, com um pé numa cultura e outro, na outra, desta forma, localiza-se o seu carácter diatópico. Então, com o reconhecimento de que todas as culturas são incompletas, isso vai facilitar um diálogo intercultural. Para tal, cada indivíduo deve saber e obedecer alguns princípios, que a sua cultura é incompleta, esse é um dos princípios, que se não for cumprido, outro vai pensar que a sua cultura é superior a relação às outras. Vai se comportar como superior a outro. Outro princípio que ele coloca é o respeito a noção de tempo, quando se houve diálogo entre indivíduos de culturas diferentes, é preciso respeitar o tempo, porque como o nosso passado, é um passado que nos traz conflito, toda a gente está pronta a conversar. O último princípio, é que os autores envolvidos no processo de diálogo que querem conversar, o diálogo deve ser feito sobre os temas que traz convergências e não conflitos, mas sim temas que devem resultar de acordos mútuos. (SANTOS, 2009, p.15)

A UNILAB, como uma instituição superior multicultural, esse o diferencia das outras instituições, mas o multiculturalismo quando for tomada de ponto de vista restrita, acaba naturalizando as diferenças étnico-raciais e, favorecendo uma sociedade de grupos étnicos fragmentados, visto que a ‘defesa’ de cada grupo se sobrepõe a defesa da unidade global da sociedade, o que dificulta os objetivos da coesão social. (MALHEIROS, 2011)

Portanto, como sendo uma universidade multicultural, esse multiculturalismo deve ser assumido nos seus aspectos mais relevantes, onde se assenta numa ideologia de respeito pelas diferenças culturais; valorização dos ‘direitos’ ‘coletivos’ e preferimos que seja denominada de universidade pluriculturais, porque é cada vez mais marcada pela diversidade étnica e cultural, faz-se importante realçar a tónica da partilha e das relações entre diferentes grupos, porque a interação são sempre marcadas por sentimentos de estranheza e incompreensões mútuas. (MALHEIROS, 2011)

Neste sentido que, a interculturalidade como conceito orientador para a ação, deve ser assumida de ponto de vista mais amplo, que inclui todos os mecanismos e ações e não só o diálogo destinado a favorecer a interação entre os estudantes, mas capaz de promover a interação de entre vários grupos presentes na sociedade. (MALHEIROS, 2011)

A Catherine Walsh (2010), vai colocar a segunda perspectiva da interculturalidade que é funcional, na qual ela vai dizer que,

Aqui, a perspectiva da interculturalidade se enraíza no reconhecimento da diversidade e da diferença culturais, visando a inclusão desta no interior da estrutura social estabelecida. A partir desta perspectiva – que se busca

promover o diálogo, a convivência e a tolerância -, a interculturalidade é ‘funcional’ ao sistema existente, não toca as causas da assimetria e desigualdade sociais e culturais, tampouco ‘questiona as regras do jogo’, por isso ‘é perfeitamente compatível com a lógica do modelo neoliberal existente’ (TUBINO, 2005 Apud WALSH, 2010).

A UNILAB como uma instituição de ensino superior, de diversidade cultural, que reconhece a diferença dos seus estudantes, por serem de diferentes países, assim como as suas culturas, então de acordo com a sua estrutura universitária, dá para como está sendo sustentada a produção dessa diferença cultural, para que haja uma boa convivência entre os seus estudantes diante desta diversidade cultural.

Sabendo que, existe na sua estrutura uma enorme desigualdade, na composição da sua classe docente, assim como dos seus discentes que deveria ser 50% dos estudantes nacionais (brasileiros) e 50% dos estudantes internacionais pertencentes ao PALOP e timorenses.

É desse entendimento que a Catherine Walsh (2010), vai trazer a terceira perspectiva da interculturalidade que ela denomina de ‘interculturalidade crítica’.

Com esta perspectiva, não partimos do problema da diversidade ou diferença em si, mas do problema estrutural-colonial-racial. Isto é, de um reconhecimento de que a diferença se constrói dentro de uma estrutura e matriz colonial de poder racializado e hierarquizado, com os brancos e ‘branqueados’ em cima e os povos indígenas e afrodescendentes nos andares inferiores. A partir desta posição, a interculturalidade passa a ser entendida como uma ferramenta, como um processo e projeto que se constrói a partir das gentes – e como demanda da subalternidade -, em constante à funcional, que se exerce a partir de cima. Aponta e requer a transformação das estruturas, instituições e relações sociais, e a construção de condições de estar, ser, pensar, conhecer, aprender, sentir e viver distintas. (WALSH, 2010)

A autora critica o racismo que existe, o racismo estrutural. O interessante é que ela aborda isso na América Latina. A UNILAB, como um projeto político, social, ético e epistêmico de produção de saberes e conhecimento, que afirma promover o diálogo intercultural e a integração entre os seus estudantes. Então, o problema da interculturalidade não reside somente nas relações entre os seus estudantes, mas em todos os setores da sociedade em torno dela, inclusive na sua própria estrutura e em suas diretrizes, da forma como está sendo cumprida.

Assim, estes e demais atitudes devem ser analisadas muito bem para que possamos evitar todas as atitudes racistas, que é um dos maiores problemas que o mundo enfrenta. Portanto, este projeto de pesquisa não servirá apenas para compreender os desafios da integração intercultural entre os estudantes guineenses e brasileiros, mas sim falar das potencialidades, do que se consegue e fornecer explicações necessárias sobre as causas não facilitadoras da integração.

Integração

Então para falarmos da integração, de acordo com Rui Pena Pires (2012), a palavra integração do verbo integrar que significa em português corrente, ‘tornar inteiro’. Em sociologia, o termo integração era usado com o sentido idêntico para indicar o conjunto de processos de composição de uma sociedade a partir da combinação dos seus elementos, sejam eles pessoas, organizações ou instituições. Essa combinação, em nenhum momento está concluída, podendo qualquer sociedade desmoronar por desmembramento das partes que a compõem. Daí a referência à integração como problema. Sendo um problema particular na era moderna, tinha dois processos que contribuíram para isso e esses eram processos de individualização e processos de diferenciação.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, nasceu para integração do Brasil com à África. A UNILAB conseguiu estabelecer uma cooperação com os Países Africanos da Língua Portuguesa (PALOP), onde conseguiu trazer os estudantes desses países em termos internacional, entre Estados.

Os estudantes estrangeiros, ou internacionais estão sendo recebidos no Brasil, Ceará, Maciço de Baturité especificamente em municípios de Redenção e Acarape, em que se encontra a instalação do imóvel da UNILAB. Porém, podemos dizer até certo ponto a UNILAB, está cumprindo as suas diretrizes, em manter os estudantes internacionais na Universidade, tendo em conta a assistência estudantil (auxílios). Mas, está faltando algumas lacunas das suas diretrizes que a UNILAB não está cumprindo. Dali, surge o conceito da integração de proximidade, ou integração de povos ou gentes, por ainda sim dizer temos problemas. Porque se sabe que há casos de racismo e preconceitos em salas de aula e não só, assim como lugares da universidade. Para tal, não podemos falar da integração sem recorrermos ao nosso passado, a fim de compreender qual era o lugar do negro dentro da sociedade cearense e compreender o racismo e o preconceito que existe contra os negros brasileiros e os demais.

Segundo Rui Pena Pires (2012), o problema da integração pode ser dividido em integração social ‘das pessoas’ e integração sistemática ‘das partes’. Onde ele vai dizer que a integração social, é a combinação dos vínculos e símbolos de pertença comuns nas relações entre pessoas e conjuntos de pessoas. A integração sistemática, como a combinação dos elementos de um mesmo sistema social, através de desenvolvimento de reciprocidades entre essas partes.

Então a integração social pode ser tomada como relações dos estudantes em salas de aulas e a integração sistemática pode ser tomada a nível da instituição como a UNILAB, o que tem feito e o não feito que dificulta a integração.

Nesse caso, Jorge Macaísta Malheiros vai dizer que,

A presença do outro na sociedade e a sua aceitação não são, historicamente, processos de proximidade e empatia imediata. Tem potencial para gerar receios e tensões, como evidencia um estudo de Putnam sobre o déficit de capital social-relacional e associado aos níveis de confiança a comunidades com mais imigrantes/estrangeiros. A ultrapassagem destes receios e tensões que se podem transformar em violência- só é alcançável por via do combate à discriminação e ao racismo e pela promoção de medidas e ações que conduzam a um processo de interação positiva. (MALHEIROS, 2011, P. 27)

Então percebemos que o preconceito, racismo, xenofobia atrapalham a integração. Todos esses são contra os princípios dos direitos humanos. Para isso a UNILAB, precisa promover integração intercultural, em que vai existir interação positiva dentro da sua comunidade acadêmica e entorno dela.

Portanto sugerimos que, cria-se programas de intercâmbio com atividades participativas, no plano da cultura, arte e desporto. Não dúvida de que essas atividades dão testemunhas das relações interculturais, assim como discordar com as identidades fechadas e favorecer a diversidade cultural.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O método para coletar dados deste trabalho, baseia-se da pesquisa bibliográfica e documental, assim como, a pesquisa de campo utilizando questionários semiestruturados e de entrevistas. A primeira, é desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros, teses e artigos científicos etc. (GIL, 2010, p.29; SEVERINO,2007, p.122). A segunda, tem como fonte documental no sentido genérico impressos, tais como filmes, jornais, fotos, gravações, entre outros. Outrossim, são conteúdos que não tiveram nenhum tratamento analítico. (SEVERINO, 2007, P.122).

Sobre nossas estratégias para a execução da pesquisa bibliográfica e documental, faremos a seleção dos livros disponíveis na biblioteca da UNILAB, baixaremos livros, teses, dissertações e artigos através da internet, de dentro e fora do Brasil, que serão imprescindíveis para a análise dos dados, sendo que o estudo terá como base fontes primárias/empíricas.

A pesquisa estrutura-se nas discussões teóricas sobre a Interculturalidade relacional, funcional e crítica de Catherine Walsh (2010), a Interculturalidade progressista e a hermenêutica diatópica de Boaventura Souza Santos (2009), Integração de proximidade de

Jorge Macaísta Malheiro (2011) e o Problema da integração de Rui Pena Pires (2012) entre outros autores ao qual vão intercalar-se durante a investigação.

Quanto a pesquisa de campo, conforme Maria Cecília Souza Minayo (2009, p.61-62), o trabalho de campo permite o pesquisador aconchegar-se da realidade sobre a qual elaborou uma pergunta, em contrapartida, facilita a interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, forma um conhecimento empírico significativo para quem pesquisa o social. Qualquer pesquisador necessita ser um curioso, um perguntador e essa qualidade deve ser usada o tempo todo no trabalho de campo, pois este, tanto será melhor como frutuoso, quanto melhor instruído o pesquisador, mais facilmente afrontará suas teorias e suas suposições com a empírica realidade.

É indispensável ressaltar a escolha dos nossos sujeitos de pesquisa, o local e o período que iremos efetuar este trabalho. Escolhemos trabalhar com os estudantes guineenses e brasileiros da UNILAB, que se encontram no Maciço de Baturité, em Municípios de Acarape e Redenção no Estado de Ceará, porque no total dos estudantes que compõe essa universidade são na sua maioria brasileiros e guineenses. O local escolhido nos facilitaria ter contato com os sujeitos de investigação.

O resultado empírico obtido no campo, irá confrontar ou interpretar com o quadro conceitual ao qual irei trabalhar e que vai ajudar a compreender alguns conceitos.

Para Minayo (2009, p.63), ainda que hajam bastante formas e técnicas de executar o trabalho de campo: a observação e a entrevista, a primeira é sobre o que pode ser visto e captado por um observador atento e perseverante, a segunda tem como matéria-prima a fala de alguns interlocutores.

De acordo com a autora citada acima, no trabalho de campo será elegido dois instrumentos: “observação e entrevista” para a coleta dos dados da pesquisa, o que torna o trabalho interacional, ou seja, entre os sujeitos pesquisados. Como são instrumentos privilegiados de coleta de informação, vai possibilitar a descortinar e compreender expressões dos sujeitos da pesquisa o que eles pensam e como entendem a integração intercultural na UNILAB.

Segundo Minayo (2009, p.64), a entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Entre estes, Minayo elenca que, a entrevista pode ser definida de cinco formas, ou pode ser classificada em: sondagem de

opinião; semiestruturada; aberta ou em profundidade; focalizada e projetiva. Mas, na pesquisa será nomeada a entrevista semiestruturada e aberta ou em profundidade, que para ela, a primeira é combinada perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem possibilidade de falar sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada. E a segunda, é a situação em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões.

Para a execução desta técnica, a pretensão é de entrevistar 12 estudantes, o primeiro passo será a escolha dos entrevistados, destes 12 estudantes, serão escolhidos 06 meninos e 06 meninas, e destes 06 meninos, 03 serão brasileiros e 03 guineenses, assim como, as meninas. A seleção desses estudantes será feita de acordo com os editais de entradas na UNILAB. Ou serão escolhidos os entrevistados desde o edital 2012.1 de entrada na universidade até o edital de 2015.1 e de diferentes cursos.

Para a definição do número de entrevistados, levou-se em consideração que a coleta e transcrição dos dados será realizada apenas pelo estudante de graduação, bem como o objetivo de entrevistar-se um estudante guineense e um brasileiro de cada instituto da UNILAB. O número de estudantes totaliza-se em 12, teremos 6 alunos e 6 alunas, prezando pela igualdade de gênero, alunos esses de vários cursos de graduação, idades e entradas, uma mescla que seria o suficiente para embasar o trabalho.

A escolha dos alunos dos editais acima expostos, se deu devido ao fato de que a integração ocorre de forma processual, então a experiência dos alunos que foram admitidos nos primeiros anos é imprescindível para a análise, pois, somente alunos de entradas mais recentes 20 não seria o suficiente para a pesquisa, os alunos dos editais de 2012 têm mais experiências de anos vividos aqui, o que seria mais prático fazer um paralelo entre esses e os novos alunos levando em consideração a maiores ou menores experiências, e como a óptica de cada entrada muda à respeito da ideia de integração e diálogo intercultural.

Também haverá entrevistas individuais com cada estudante e serão utilizadas matérias para apoiar a coleta de dados, aparelho gravador, caneta e termo de consentimento dos entrevistados. As entrevistas serão realizadas na UNILAB ou, caso o participante solicite, na residência dele. O objetivo principal é captar as opiniões, percepções dos entrevistados sobre a integração intercultural e como esse processo está sendo e o que está dificultando esse processo na vida real dos entrevistados.

Logo, que concluídas as entrevistas, será apresentada na seção final, análise e interpretação de dados de pesquisa, baseados na concepção de Romeu Gomes (2015), uma pesquisa qualitativa gera análises e interpretações, na qual percebe-se, que se deve caminhar na direção do que é homogêneo, mas também no que se distingue em um mesmo meio social. Na análise primeiramente citada, o objetivo é ultrapassar o que é descrito, ou seja, decompor dados, e trazer as relações entre as partes decompostas. E na segunda, é a interpretação, que tem caráter optativo, onde pode-se fazer após a análise ou após a descrição, em que, procuram-se sentidos das falas e ações para alcançar um entendimento que vai além do que foi narrado e investigado. O autor ainda faz uma ressalva salientando que a análise e interpretação de informações resultados no campo da pesquisa qualitativa, é o momento de finalização da pesquisa do trabalho, firmando-se no material coletado e vinculando esse material aos objetivos da pesquisa e à sua fundamentação teórica.

Portanto, baseando-se nessa percepção, será feita a articulação dos dados que coletaremos no campo com os teóricos ao qual acontecerá o diálogo. Todas as entrevistas que serão feitas com os interlocutores que são estudantes da UNILAB, serão analisadas e interpretadas de acordo com as perspectivas do quadro teórico acima citado, levando em consideração que o foco da pesquisa é extrair dos interlocutores como se dá a integração e o diálogo intercultural, que acontece de forma subjetiva para cada indivíduo.

CRONOGRAMA

MESES	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto
Escolha do tema	X						
Revisão de literatura	X	X					
Definição dos capítulos		X	X				
Fundamentação teórica e redação dos capítulos		X	X	X	X		
Coleta de dados						X	X
Ajustes metodológicos, conceituais analíticos					X	X	
Redação final e revisão linguística							X
Entrega do trabalho final							X

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: teoria, método e criatividade/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 34. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GOMES, Nilma Lino; VIEIRA, Sofia Lerche. **Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Luso- Afro-Brasileira (UNILAB)**, In: Lisboa, Portugal, Revista Lusófona de Educação, nº 24, P. 81-95. 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/349/34929705005.pdf>. Acessado no dia 08/11/2015.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardiã Resende ... let all.- Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. **Diáspora africana no Ceará: desafios diante da alteridade e ressignificações e identidades étnico-racial**. 2013. Disponível em: http://abeh.org.br/arquivos_anais/E/E013.pdf. Acessado no dia 09/11/2015.

MALHEIROS, Jorge Macaísta. **Promoção da interculturalidade e da integração de proximidade**. In: Manual para técnicas/os. Lisboa, janeiro de 2011. Disponível em: <http://www.animar-odeProximidade.pdf>. Acessado no dia 12/12/2015.

MALOMALO, Basílele; SOUZA, Osmaria Rosa. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará. In: Interfaces Brasil/Canadá. Canoas, v. 16, n. 1, 2016, p. 256–293. Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF8#q=Osmaria+Rosa+Souza+1+%2F+Bas%C2%B4Ilele+Malomalo+racismo+contra+estudantes+africanos+no+cear%C3%A>. Acessado no dia 06/11/2016.

PIRES, Rui Pena. **O problema da integração**. In: Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Porto, vol. XXIV, 2012, p.55-87. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10758.pdf>. Acessado no dia 08/11/2015.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Uma concepção multicultural de direitos humanos**. In: Faculdade de economia de Coimbra, 2009, p.39-97. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_RCCS48.PDF. Acessado no dia: 08/ 10/2015.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e educação intercultural**. In: Conselho regional Indígena, Cauca, p.1-15, 2010. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1sQ65ph4x_lzmJ2HA5kmxvhxxCrNmp127cTV75in75Dg/edit?copiedFromTrash. Acessado no dia 10/11/2015.